

Gilsélia Lemos Moreira

Professora do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) santisbana@hotmail.com

Ilhéus, a terra da Gabriela cravo e canela: de espaço do cacau a espaço do turismo

Resumo

O trabalho em questão analisa as transformações socioespaciais da cidade de Ilhéus, a partir dos anos de 1990, período em que ocorreu uma grave crise no setor produtivo regional baseado na lavoura cacauzeira e, coincidentemente, a valorização da atividade turística no Brasil, fator desencadeador de uma visível resignificação do turismo em toda a região cacauzeira. Como objetivo principal, pretende compreender os vários processos que levaram Ilhéus, cidade que surge subordinada ao campo, a passar da condição de espaço do cacau a espaço do turismo. Para alcançar esse objetivo, foram feitas entrevistas e pesquisas de natureza documental. Inicia-se o texto com uma digressão histórica sobre o processo de produção e reprodução socioespacial de Ilhéus, desde o século XVIII, quando chegaram a Ilhéus as primeiras mudas de cacau. Essa pesquisa revelou que diante da crise e das fracassadas tentativas de revitalizar a lavoura cacauzeira, o turismo, atividade até então relegada a um segundo plano, passou a fazer parte da pauta de interesse da iniciativa privada e do poder público. Isso por força da necessidade de reerguer a economia regional.

Palavras-chave: produção, reprodução, transformações socioespaciais, cacau, turismo.

Abstract

ILHÉUS: THE HOMETOWN OF GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON: FROM CACAO SPACE TO TOURISTIC SITE

This work analyses the sociospatial changes in the city called Ilhéus starting in the 1990's when there was a serious crisis in the regional productive sector based on cacao crops and, coincidentally, the valorization of the touristic activity in Brazil,

key reason of a visible reframing of tourism all over the cacao region. As a main objective, this work intends to understand the various processes that guided Ilhéus, city that was developed linked to the fields, to change from cacao space to touristic site. To reach our goal, interviews and documentary researches were made. The text begins with a historic degression about the process of production and sociospatial reproduction of Ilhéus, dating the 18th century, when the first samplings of cacao got to Ilhéus. This research revealed that in face of the crisis and the unsuccessful attempts to revitalize cacao plantations, the tourism, activity so far left as a second option, started its journey as an item of interest of private businesses and public power. That due to the necessity of rebuilding regional economy.

Key-words: production, reproduction, sociospatial changes, cacao and tourism.

1. Considerações iniciais

Em Ilhéus, campo e cidade sempre estiveram articulados e se complementaram. Parte da infraestrutura construída na cidade (estradas de ferro, vias de acesso, porto, saneamento, iluminação entre outros) se deu para o cacau e pelo cacau, até os anos de 1990, período em que o sistema produtivo regional baseado na monocultura do cacau sofreu um colapso fulminante em virtude da “vassoura de bruxa” – uma praga que atingiu as plantações de cacau, causada pelo fungo *Moniliophthera perniciososa* (antes chamado de *Crinipellis Perniciosa*). Esse contexto fez com que a cidade de Ilhéus, que tinha o olhar fixo para o mercado externo em razão da exportação do cacau, após a crise, buscasse, em seu próprio espaço, os elementos necessários à superação da estagnação econômica na qual toda a região cacauzeira mergulhou.

Os elementos buscados são potencialmente turísticos, o espaço da cidade e seus cem quilômetros de praias, casarões, praças e logradouros, que remetem ao século XIX, foram tomados como base de uma construção cultural e histórica pelos agentes hegemônicos que se apropriam do espaço e conseqüentemente do seu conteúdo inexoravelmente produzido pelo cacau. A partir daqui, vamos mostrar como se deu parte desse processo, bem como suas implicações e seus desdobramentos. Vale dizer que o turismo não é uma atividade que surge em Ilhéus a partir da crise do cacau. O que ocorre na realidade é um processo de ressignificação dessa atividade, não só em Ilhéus, mas em todo o território brasileiro.

Gostaríamos de esclarecer que optamos por apresentar um texto que, embora não fuja completamente ao linear, traz à baila, da história de Ilhéus, apenas os elementos capazes de auxiliar na compreensão do estudo em tela. Além disso, daremos maior destaque à primeira parte da análise por entendermos que o cacau representa uma cultura de duzentos anos de história e, portanto, é responsável pela criação de toda uma materialidade construída no espaço da cidade. Essa materialidade que compreende ruas, pontes, o porto, aeroporto, vias, estradas, hotéis, praças, jardins e logradouros, permitiu o desenvolvimento do turismo em Ilhéus, além das potencialidades naturais, é claro. Essa atividade só se tornou relevante a partir dos anos 90 do século XX. De lá para cá, o Estado fez inúmeras intervenções espaciais, mas apenas em alguns fragmentos da cidade com o objetivo precípuo de adequá-la a um uso turístico. Apesar das alterações afetarem a totalidade do espaço da cidade, nosso foco será o centro histórico, também conhecido como centro antigo, pois nele se concentram as transformações espaciais mais significativas.

2. Ilhéus: espaço produzido e reproduzido para o e pelo cacau

Pensar Ilhéus através do cacau nos remete ao século XVIII, período em que foram introduzidas na região Sul da Bahia as primeiras sementes de cacau – árvore nativa da Amazônia, doadas pelo francês Louis Frederic Warneaux ao português Antônio Dias Ribeiro. As condições de solo e clima foram determinantes no cultivo do cacau que encontrou um habitat perfeito graças aos ricos solos de massapê¹ e à umidade ambiental, resultante de chuvas muito frequentes. No entanto, a lavoura cacaueira só passou a existir como atividade econômica organizada no final do século XIX, mesmo período em que a Vila São Jorge dos Ilhéus foi elevada à categoria de cidade. Nessa época, Ilhéus já possuía cento e vinte casas de comércio e estabelecimentos industriais, duas escolas primárias, duas farmácias e algumas igrejas como a Matriz de São Jorge, a Capela de São Sebastião e a Capela de Nossa Senhora da Vitória (OLIVEIRA, 2008). Todas essas igrejas, hoje fazem parte do circuito turístico de Ilhéus. A visita a esses templos está incluída nos pacotes de viagem que “vendem” Ilhéus como destino turístico.

Foi no século XIX que a iluminação pública a querosene chegou a Ilhéus. Para tanto, foram instalados na cidade quarenta lâmpadas belgas sobre postes de ferro (ANDRADE, 2003). A cidade de Ilhéus florescia em consequência, principalmente, do desenvolvimento do comércio e da urbanização graças à expansão da lavoura cacaeira. Estudos revelam que esta atividade suplantou as demais em todo estado da Bahia. De acordo com Brito (2000, p. 52), desde os fins do século XIX, a lavoura cacaeira já se constituía no motor de engrenagem da economia de todo sul baiano. Foi com esta característica que o cacau entrou no século XX, como uma atividade econômica dinâmica e próspera. Sales (1981, p. 14), abaliza que “em 1904, o cacau se tornou o primeiro produto da pauta de exportações da Bahia e o principal sustentáculo regional”.

O forte apelo econômico da lavoura cacaeira fez com que as fazendas de cacau se multiplicassem rapidamente, resultando no estabelecimento de imensas plantações em fazendas que se espalharam por toda a região. A cultura do cacau extrapolou as fronteiras e foi rapidamente absorvida pelo mercado externo, tornando-se a base econômica do Sul da Bahia. Para se ter uma ideia do que isso significou, Brito (2000, p. 40) assinala:

O sul da Bahia chegou a ser responsável por 40% da atividade financeira do estado. O lucro gerado nesta lavoura foi inegável. Refletiu-se em todo o interior e capital. O desenvolvimento regional, principalmente a partir da década final do século XIX, vai criar estímulos e condições de integração da região ao sistema econômico do Estado. A partir daí o cacau assume a posição de produto gerador de renda e torna-se cultura dominante.

Na medida em que a lavoura cacaeira se expandia, exigia muita mão de obra no campo, fato que implicava na absorção de milhares de trabalhadores rurais. A lavoura do cacau atraiu comerciantes de vários lugares do país e até do mundo. Fatores como a migração, somados à população de Ilhéus, que já crescia, contribuíram para um aumento expressivo da população. No século XX, mais precisamente na década de 1920, a cidade de Ilhéus já contava com uma população estimada em 64 mil habitantes (SOARES, 2008, p. 67). De acordo com Oliveira (2008, p. 73), deste total, 13.972 era de população urbana. Um aumento considerável se compararmos com os anos de 1890, quando o número de habitantes era de apenas

1.042 (ARARIPE, 1969). Atualmente (2012), a população de Ilhéus está estimada em 177 mil habitantes (IBGE, 2010).

No século XX, de acordo com Campos (1981, p. 328), teve início a remodelação da cidade com o alinhamento e o calçamento de ruas e praças, bem como o ajardinamento destas. Além disso, foram inaugurados o serviço de água encanada, a iluminação elétrica, serviço de esgoto e a construção do grupo escolar. Em 1913, foi inaugurado o trecho até Itabuna da estrada de ferro em uma extensão de 59 km. Em 1915, a cidade já tinha 22 ruas e oito praças. É também dessa época o “Cine Teatro Ilhéos” (grafia da época), considerado a maior casa de espetáculos da região.

Enquanto o cacau impulsionava o crescimento socioeconômico de Ilhéus, novos equipamentos urbanos eram implantados na cidade (calçamento das ruas, ajardinamento das praças, entre outros). Esse aparelhamento não tinha apenas uma conotação de novidade. Eles implicavam em transformações, não só da morfologia espacial, mas, principalmente, no modo de vida da população. As praças se tornaram local de encontro, principalmente nos fins de tarde e finais de semana, das diferentes classes sociais. A elite cacauzeira era formada por ricos fazendeiros que frequentavam as praças, para discutir o preço do cacau no mercado externo (SOARES, 2008). Sobre esse período, Jorge Amado (1975, p. 11) assinala que:

progresso era a palavra que se ouvia em Ilhéus e em Itabuna naquele tempo. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. Aparecia nas colunas dos jornais, no cotidiano e nos semanários, surgia nas discussões na Papelaria Modelo, nos bares, nos cabarés. Os ilheenses repetiam-na a propósito das novas ruas, das praças ajardinadas, dos edifícios no centro comercial e das residências modernas na praia, das oficinas do diário de Ilhéus [...]. É o progresso! Diziam-no orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisionomia da cidade e nos seus hábitos. Havia um ar de prosperidade em toda parte, vertiginoso crescimento.

Este mesmo autor ainda acrescenta:

Abriram-se ruas para os lados do mar e dos morros, nasciam jardins e praças, construíram-se casas, sobrados, palacetes. Os alugueis subiam, no centro comercial atingiam preços absurdos. Bancos do Sul abriam agências, o Banco do Brasil edificará prédio novo, de quatro andares, uma beleza! [...], a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios (AMADO, 1975, p. 11).

Apesar de a lavoura cacaeira ter contribuído para transformar Ilhéus no centro urbano da região no século XX, concentrando a prestação de serviços e o comércio, até meados do século XIX a cidade não dispunha de uma base adequada para o transporte do cacau. As vias de acesso eram difíceis e o porto de Ilhéus tinha instalações precárias, o que dificultava o embarque e implicava diretamente na perda de qualidade comprometendo o preço do cacau. Campos (1981, p. 386) descreve que o porto de Ilhéus não dispunha de boas condições para permitir o acesso de grandes navios, sendo o porto de Salvador o intermediário das exportações do cacau. Para resolver esse problema, os cacauicultores iniciaram a construção de um porto na década de 1920, com recursos próprios. Com o passar dos anos esse porto foi apresentando deficiências. Jorge Amado registrou as condições desse porto em sua obra intitulada “Gabriela Cravo e Canela”. Ele disse:

barra difícil e perigosa, aquela de Ilhéus, apertada entre o morro do Unhão, na cidade, e o morro de Pernambuco, numa ilha ao lado do Pontal. Canal estreito e pouco profundo, de areia movendo-se continuamente, a cada maré. Era frequente o encalhe de navios, por vezes demoravam um dia para libertar-se. Os grandes paquetes não se atreviam a cruzar a barra assustadora apesar do magnífico ancoradouro de Ilhéus. Cacau fica é na cidade da Bahia². Tudo por causa dessa maldita barra (AMADO, 1975, p. 28-29).

Tais fatores colaboraram para a substituição das antigas instalações por outras novas em outra área da cidade. Isso ocorreu na década de 1940. Mas o novo porto só foi inaugurado na década de 1970. Hoje em dia, o porto de Ilhéus, que sempre esteve vinculado à lavoura cacaeira, não se restringe ao transporte de cargas. Vários transatlânticos aportam na cidade durante a temporada de cruzeiros, trazendo centenas de turistas à cidade. De acordo com o chefe de Serviços Turísticos, Sr. Maurício Torres, toda uma estrutura é montada pela Secretaria Municipal de Turismo para recepcionar os turistas que são recebidos por atores caracterizados de personagens do romance de Jorge Amado (Gabriela Cravo e Canela), tais como o turco Nacib e Gabriela, além de grupos afro-baianos que distribuem fitinhas de São Jorge dos Ilhéus aos cruzeiristas.

A estratégia é criar junto ao turista expectativas sobre o lugar. Despertar o desejo de conhecer a história e entrar em contato com a cultura local. Segundo Maurício Torres, que comanda o evento, o receptivo é a vitrine da cidade. A estratégia é mercadológica, pois visa acima de tudo, além da

exposição, à valorização de seus “produtos”. Nesse caso, principalmente a cultura. De acordo com Maurício Torres, hoje os cruzeiros movimentam de forma significativa a economia do município. Entretanto, não mobilizam os hotéis da cidade, pois os navios possuem uma estrutura completa que compreende hospedagem, alimentação, lazer, entre outros serviços. Por isso, os hotéis, sobretudo aqueles que se localizam nas proximidades do porto, oferecem o ‘day use’ (utilização do hotel pelo dia, não pernoitado) para aqueles que, mediante o pagamento de uma taxa, possam usufruir de piscinas, sauna, restaurantes, bares, internet e telefones de suas instalações nas horas que passam em terra.

De acordo com Magalhães (2006), os hotéis situados no centro da cidade no passado, mais precisamente no século XIX, atendiam exclusivamente o movimento portuário. É dessa época o “Ilhéus hotel”³, de propriedade do coronel⁴ Misael Tavares.

De acordo com o jornal A Tribuna:

Misael Tavares foi considerado o maior capitalista do sul da Bahia. Quase todos os empreendimentos que levaram Ilhéus ao desenvolvimento tiveram a participação do Coronel Misael, com destaque para o porto, calçamento de ruas, serviço de água e esgoto, exportação de cacau, estrada de ferro, dentre outros⁵.

Em 1921, foi inaugurado o saneamento básico da cidade, os esgotos passaram a funcionar. Também nessa época foram ajardinadas todas as praças da cidade, arborizados os logradouros públicos e reiniciados os serviços de recalçamento das ruas (CAMPOS, 1981). É desse período o conjunto arquitetônico do Instituto Nossa Senhora da Piedade, construído em 1928, pela Irmandade das Ursulinas Francesas. O conjunto em estilo gótico é considerado um dos principais cartões postais de Ilhéus. Outro prédio dessa época é a matriz de São Jorge que abriga um dos mais ricos museus sacros do país. Os edifícios acima citados são considerados culturalmente em seu conjunto a maior riqueza arquitetônica de Ilhéus, diretamente ligada à “época de ouro” da lavoura cacauífera.

Misael Tavares também apoiou a construção da Catedral de São Sebastião – um prédio construído em estilo Eclético nos anos de 1930, mas concluído em 1967. De acordo com a Secretaria de Turismo de Ilhéus, essa catedral é uma espécie de símbolo do centro histórico de Ilhéus – principal atrativo turístico da cidade. Outras edificações datam dessa época, como

exemplos se pode citar o prédio da Biblioteca Adonias Filho, construído em 1915, a Casa dos Artistas, a Igreja de Santana, em Rio do Engenho, uma das mais antigas do Brasil, tombada pelo Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Brasil e o Bar Vesúvio, tombado pela prefeitura. Esse bar serviu de cenário para o romance *Gabriela Cravo a Canela* do escritor Jorge Amado. Além disso, foi também ponto de encontro dos “coronéis do cacau”. O Bataclan⁶, hoje refuncionalizado, abriga um Centro Cultural.

A riqueza produzida pelo cacau estimulou, dentre outras coisas, a “europeização” da cidade. O coronel Misael Tavares, já citado neste texto, mandou calçar, com pedras importadas da Inglaterra, três quarteirões da Rua Antonio Lavigne de Lemos com um paralelepípedo azul-cobalto. Até hoje, quem passa pela rua vê as pedras, cuidadosamente cortadas e calçadas. A cor ainda chama a atenção, principalmente quando reflete o sol⁷. Também foram importadas da Europa estátuas em mármore para ornamentar praças e logradouros da cidade. Como exemplo, podemos citar a estátua de “Sapho”⁸, localizada em frente ao Palácio Paranaguá, sede do governo municipal.

Na década de 1920, a cidade de Ilhéus experimentou uma série de transformações socioespaciais. De acordo com Oliveira (2008), entre os anos de 1924 e 1927 muitas obras de urbanização foram realizadas em Ilhéus. Podemos destacar o levantamento cadastral da cidade e de seus arredores; a elaboração do primeiro código de posturas municipais com detalhamento na parte de saneamento; o calçamento de mais de 10.000 m² de logradouros públicos; a construção do trecho inicial da Avenida Álvares Cabral (atual Soares Lopes) e a Avenida Dois de Julho; melhoramentos na Praça Antônio Pessoa, Visconde de Cairú e Rio Branco e construção das praças Rui Barbosa e Luiz Viana. Essas obras são bastante expressivas para reinterpretar o espaço da cidade de Ilhéus. Nos anos de 1930, apesar da crise mundial, Ilhéus continuou crescendo junto com a lavoura cacauzeira. De acordo com Soares (2008, p. 69-70),

nos primeiros anos da década de 1930, a produção e exportação de cacau cresceram significativamente, passando de cerca de 200 mil toneladas na primeira década de século XX para mais de 1 milhão de toneladas em 1939. Um crescimento acompanhado por uma série de investimentos em infraestrutura, dentre os quais se destaca, [...] a abertura de vias ligando os núcleos produtivos [...] estendendo-se

para o interior. Era a necessidade de tornar a região mais fluida, estender as plantações para as áreas distantes do litoral [...] e, ao mesmo tempo, criar facilidades de escoamento da produção cacauera para o porto de Ilhéus.

De fato, este período foi identificado como o da consolidação e do apogeu da cacauicultura. Oliveira (2008, p. 74), ao citar Baiardi (1984), afirma que:

a crise de 1929 e seus reflexos nos anos seguintes, acompanhada das dificuldades de exportação nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, foram as causas decisivas para a desestruturação regional naquela época. Este autor, denomina esta fase de “crise da produtividade e de realização”.

É neste espaço de crises e em meio aos sobressaltos da natureza, da cotidianidade do homem cindido⁹, que aparece o então renomado romancista Jorge Amado, retratando em parte de sua obra os coronéis, jagunços, prostitutas e trabalhadores explorados na região cacauera. Incluem-se nesse caso três de seus romances: “Cacau”, “Terras do sem fim” e “São Jorge dos Ilhéus”. Idêntica temática foi seguida por Adonias Filho, autor de romances ambientados na região cacauera. Dentre as suas obras destacam-se: “Servos da morte”, “Memórias de Lázaro” e “Corpo vivo”, entre outros. Histórias da gente do cacau motivaram ainda o escritor baiano Cyro de Mattos, que as immortalizou em obras tais como “Cancioneiro do Cacau” e “Os Descaminhos”.

Até o final dos anos 30 do século XX, muitas transformações ocorrem em Ilhéus. O primeiro prefeito eleito, Dr. Eusínio Lavigne (1930-1937), contratou engenheiros para executar o primeiro plano diretor da cidade, concluído em 1933. Este Plano definiu não só a expansão da cidade, mas também o traçado viário, ainda hoje em vigor, em sua maior parte. Nesse período, avenidas importantes foram abertas, a exemplo das Avenidas Itabuna, Canavieiras e Belmonte. O prefeito também realizou importantes obras de saneamento com a canalização de águas pluviais. As transformações no espaço da cidade prosseguiram intensas e, nos anos de 1940, novas ruas foram abertas rasgando o tecido urbano de Ilhéus. São desse período a Avenida Princesa Isabel, principal ligação entre a estação dos hidroaviões e a rodovia Ilhéus-Itabuna. Outras obras marcaram a década de 1940; são dessa época:

a construção do Mercado Municipal na Avenida Dois de Julho[...] a Casa de Saúde (atual Santa Casa da Misericórdia de Ilhéus), [...] o saneamento nos bairros da Cidade Nova e Opaba, onde cresciam as “elegantes e modernas habitações”. [...] o Clube Social de Ilhéus, [...] a planta aérea da cidade [...] o Banco de Crédito Agrícola de Ilhéus. Ainda neste período, o município doou ao governo federal, [...] uma área no Pontal para a implantação de uma pista de aeronaves que serviria ao transporte militar e aos correios. Com a pavimentação da pista, em 1950, foram introduzidos voos semanais de passageiros para Ilhéus (OLIVEIRA, 2008, p. 76).

Na década de 1950 a cidade que, segundo Jorge Amado, “cheirava a dinheiro” vive a pior crise de sua história, anterior ao surgimento da vassoura de bruxa¹⁰. A atividade declinou a ponto de tornar-se inviável economicamente. Os preços do produto no mercado internacional chegaram a níveis muito baixos. Com o crédito escasso e os juros impraticáveis, muitos agricultores endividados se desanimaram e decidiram abandonar o cultivo do cacau. Oliveira (2008) também assinala que a década de 1950 não se apresentou favorável para a cacauicultura, tanto em nível interno – condições climáticas desfavoráveis, quanto em nível externo. Outro desdobramento da crise foi a redução das áreas plantadas e consequentemente a queda da produtividade e a redução do número de trabalhadores no campo. Oliveira (2008, p. 77) acrescenta que “a diminuição da produtividade pelo esgotamento do solo culminou em um acúmulo de dívidas, insustentável para a região”.

De acordo com alguns estudos (MACEDO, 2002; SOARES, 2008), esse contexto teria provocado desemprego no campo e, consequentemente, acelerado o processo migratório em direção a outras cidades da região. Segundo Soares (2008), a população de Ilhéus retrocedeu de 135 mil em 1950 para 104 mil em 1960, mas, em contrapartida, a população urbana aumentou. Na década de 1970, a lavoura cacauieira reage com a utilização de uso intensivo de insumos modernos nos cacauais instalados nas melhores áreas produtoras. O período entre 1977 e 1985 ficou conhecido como os “anos de ouro do cacau” decorrentes dos altos preços praticados no mercado internacional (OLIVEIRA 2008, p. 78). Fontes (2001, p. 21), ao citar Nascimento (1994), apresenta dados que explicam o que “os anos de ouro do cacau” significaram:

em 1979, as exportações do cacau em amêndoas e derivados alcançaram a cifra de US\$ 1 bilhão, chegando a representar 35% da pauta de exportações do Nordeste e

70% da Bahia, contribuindo para financiar a industrialização do Nordeste Brasileiro, além de aumentar o poder de compra da região cacauífera. Em 1985, participou com 14% da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias – ICMS da Bahia.

Nesse período a cidade de Ilhéus passou por um processo crescente de reconhecimento de sua importância socioeconômica. Fato que contribuiu para a construção de várias obras pelo poder público, principalmente na esfera estadual, destacando-se a ponte sobre o rio Fundão, o início da ligação com as praias do norte da cidade, o serviço de ônibus municipal, a organização do transporte de barcas para o Pontal, o porto do Malhado, a BR 415, interligando Ilhéus e Itabuna, além da criação do Instituto de Cacau da Bahia (FONTES, 2001).

Andrade (2003, p. 42) assinala que, nessa ocasião, o desenvolvimento da malha urbana persistiu acelerado, ocupando as áreas de mangue e vários morros da cidade. A expansão seguiu em direção ao Malhado, avenidas Princesa Isabel e Esperança. O Estado prosseguiu viabilizando obras importantes como a construção da ponte Lomanto Junior (1966), ligando o Pontal a Ilhéus. De 1970 a 1980, a expansão segue em direção ao norte pela Barra de Itaípe, bairro Jardim Savóia (estrada Ilhéus-Uruçuca), enquanto que ao sul seguiu pela estrada Ilhéus-Olivença

Nos anos que se seguem a expansão da malha urbana continua em direção a: Zona Norte, Zona Oeste, Centro e Zona Sul, partes da cidade, separadas pelo Rio Cachoeira, mas ligadas pela ponte Lomanto Junior (OLIVEIRA, 2008). Na Zona Sul está localizado o bairro Pontal, apontado pelo poder público municipal como um polo turístico. Isso se explica pelas potencialidades naturais (praias e a bela Baía de Pontal) além da infraestrutura existente no bairro (aeroporto, ruas pavimentadas, iluminação, saneamento básico e transporte coletivo). Toda essa infraestrutura somada às potencialidades naturais do bairro têm estimulado os empreendedores imobiliários e empresários de diversos ramos a investir nessa área. De acordo com Magalhães (2006), muitos empresários construíram hotéis, pousadas, restaurantes e bares no bairro do Pontal, atraídos pela proximidade com o aeroporto.

A crescente importância do cacau foi causa e consequência da ampliada necessidade de intervenção espacial em Ilhéus. As intervenções (construção do porto, das estradas de ferro, vias vicinais e pontes)

objetivavam criar condições não só para o escoamento da produção, mas principalmente garantir a reprodução do capital regional. O modo como se deu a produção e a apropriação do espaço da cidade de Ilhéus pelos produtores de cacau teve apoio incondicional do poder público nos três níveis: estadual, federal e municipal. De acordo com Oliveira (2008, p. 71), “o poder público estruturou o espaço, a fim de adequá-lo às novas exigências do capital mercantil e aos novos hábitos e interesses da elite econômica local, iniciando um processo mais intenso de urbanização”.

Esse contexto permite dizer que as grandes transformações do espaço urbano de Ilhéus, sentidas a partir do século XIX, passaram a refletir os processos econômicos, sociais, políticos e culturais numa escala local, mas articulada ao contexto nacional, também marcado por profundas transformações. Ilhéus entrou no século XX com o *status* de cidade próspera, modelo de desenvolvimento regional, sua influência se estendia por toda a região Sul da Bahia, utilizando suas terras férteis como verdadeiro celeiro de riquezas. Mas, na década de 1980, a lavoura cacauífera deu claros sinais de mais uma crise que se arrastou até os anos de 1990 e, de lá para cá, assumiu proporções catastróficas.

3. A crise da lavoura cacauífera, os novos contornos da cidade e a ressignificação do turismo

Em 1989, foi descoberto o primeiro foco da vassoura de bruxa. Essa praga, associada à queda de preços do produto no mercado internacional, desencadeou a mais séria crise socioeconômica da região. Essa conjuntura se arrastou e a lavoura cacauífera, que tinha sido rapidamente absorvida pelo mercado internacional, chegando a responder pela segunda maior produção mundial de cacau, atrás apenas da Costa do Marfim, declinou, para o desespero dos produtores e de todos que dependiam de forma direta ou indireta do cacau. O valor das exportações passou a oscilar como nunca ocorrera anteriormente. Configurou-se uma crise regional sem precedentes.

Segundo Brito (2000, p. 30), estima-se uma perda de 500 milhões de dólares pelos fazendeiros só na década de 1990. Nesse período, a lavoura cacauífera iniciava um rápido e crescente processo de agonia, trazendo

conseguiu consequências nefastas para a população que dela dependia. Este mesmo autor (2000, p. 32) acrescenta ainda que “na década de 1990, o número de empregos diretos e indiretos sofreu uma rápida redução de 400 mil para apenas 150 mil, gerando tensões sociais no campo e na cidade”. A crise afetou o principal parque industrial do cacau, situado em Ilhéus, agravando ainda mais o quadro de desemprego. Isto levou a região à estagnação econômica e a um rápido empobrecimento das classes média regional e trabalhadora, gerando conflitos sociais no setor urbano e rural. Baseada em Couto (2000), Magalhães (2006, p. 78) abaliza este fato:

A partir da década de 1990, a região do cacau foi abalada gravemente pela maior crise deste produto na Bahia, marcada por uma redução da produção e das exportações, pela queda significativa do valor do fruto e pelo início da praga vassoura-de-bruxa, a mais nefasta para estas plantações. A crise foi ocasionada pelos seguintes fatores: existência de grandes estoques mundiais de amêndoas gerando valores baixíssimos para o cacau; substituição e/ou redução do cacau na composição do produto final “chocolate” e afins; entrada de novos concorrentes (Ásia-Oceania), com inovações tecnológicas e estratégias de redução de custos; reestruturação da lavoura e da indústria processadora, principalmente na Costa do Marfim (responsável por 56% da produção mundial); gestão ineficiente, conservadora e clientelista dos produtores da região; desestruturação do ecossistema ocasionado por anos de falta do planejamento adequado para o cultivo; clima adverso; doenças do cacauíeiro; quedas do rendimento físico e da produtividade do trabalho; redução de preços e da produção; baixo nível de escolaridade, principalmente na área rural.

No auge da crise o movimentado comércio do centro da cidade também entrou em convulsão. Várias corretoras de amêndoas do cacau, agências bancárias e lojas fecharam. A crise provocou o empobrecimento não só dos produtores, mas de toda a classe média. Para a classe trabalhadora a situação ficou insustentável. Esse novo contexto socioeconômico também vai desenhar novos contornos na cidade. A elite falida se viu obrigada a vender seus casarões e palacetes localizados na área central da cidade, alguns imóveis foram até abandonados. O espaço do centro antigo se desvalorizou, os investimentos imobiliários foram canalizados pelos empreendedores para outras áreas da cidade, principalmente espaços à beira-mar. Explode a periferia em forma de favelas incrustadas nos morros, à beira dos rios e até sobre os manguezais da cidade.

O declínio da lavoura cacauíera estimulou investimentos em outras atividades produtivas tais como: turismo, fruticultura e informática.

O turismo, por exemplo, atividade até então relegada a um segundo plano, passou a fazer parte da pauta de interesse da iniciativa privada e do poder público, por força da necessidade de reerguer a economia regional. Mas, cabe aqui dizer, que tal processo não se deu apenas por força da crise do cacau e muito menos ao acaso.

Nos anos de 1990 o turismo ganhou importância entre as políticas públicas setoriais, apesar de, desde a década de 1960, ter sido criado um aparato institucional para a gestão da atividade em todo território brasileiro (CRUZ, 2005, p. 10). Coincidentemente, a crise da lavoura cacauzeira – base da economia regional de todo sul baiano – se apresentou intensa e devastadora nos anos de 1990, como fator decisivo na tentativa de ressignificação do turismo como uma das vias alternativas à estagnação econômica que se instalou na região, pós-colapso do setor produtivo. No Brasil a valorização da atividade turística, a partir da década de 1990, resultou em diversos fatores conjugados, como:

o crescente significado econômico do setor de serviços no mundo; a chamada potencialidade natural turística do país; a disponibilização de capitais estrangeiros para financiamento de projetos e os posicionamentos público e privado favoráveis ao desenvolvimento da atividade (CRUZ, 2005, p. 10).

A década de 90 do século XX foi marcada pelo que se poderia denominar de “a redescoberta do turismo” como atividade econômica pelo Estado brasileiro. De acordo com Cruz (2000, p. 29), após longos anos na marginalidade da administração pública, o turismo passa a ocupar lugar de destaque no planejamento governamental, processo este que culmina, em 2003, com a criação do Ministério do Turismo. Em Ilhéus não foi diferente, assim como no Brasil, o turismo se desenvolveu sem a devida atenção da administração pública, só a partir de 1990 é que o poder público deu maior destaque a essa atividade ao criar a Empresa Municipal de Turismo de Ilhéus (ILHEUSTUR).

Mas, é preciso lembrar que a sedução pelo forte apelo econômico foi o elemento central que conduziu as estratégias das forças hegemônicas para impetrar o desenvolvimento do turismo. Entretanto, é importante salientar que é a partir de uma estratégia pública que o turismo se impõe como atividade promotora de desenvolvimento na cidade de Ilhéus e região.

Ainda segundo Cruz (2000), nos anos de 1990, começa a ser atribuída crescente importância à atividade econômica do turismo, que passa a ser vista como engendradora de processos de desenvolvimento. Isso se explica pelo fato de que o turismo assume no século XX características de um fenômeno global. De acordo com Cruz (2000, p. 8),

a crescente importância do turismo no conjunto das atividades econômicas é fato alardeado por organizações mundiais e relacionadas à gestão de atividades, como a Organização Mundial do Turismo – OMT e World Travel and Tourism Council – WTTC; por governos nacionais e locais interessados no desenvolvimento da atividade; pela *mass media*; e por uma parcela da recente produção acadêmica sobre o tema.

Segundo um relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho (2010), o turismo foi responsável por 9% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e forneceu mais de 235 milhões de empregos em 2010 em todo o mundo, o equivalente a 8% do emprego global¹¹. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2000), o turismo é mais expressivo que os setores de energia, petróleo e informática. A Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR, 2007) aponta o turismo como o terceiro principal “produto” gerador de divisas para o Brasil, atrás somente da soja e do minério de ferro. De acordo com Cruz (2000, p. 8),

os números do turismo indicam que a atividade suplantou a indústria bélica, nos últimos anos do século XX, em volume de capital transacionado, e está muito próximo de atingir valores iguais ou superiores àqueles gerados pela indústria petrolífera, primeira no ranking mundial.

Com este forte apelo econômico, o turismo tem um papel cada vez maior e de destaque nas políticas públicas, principalmente de lugares que viram suas economias estagnarem, mas que ao mesmo tempo detêm as características necessárias, eleitas pelo capital produtivo para o desenvolvimento dessa atividade – as chamadas potencialidades turísticas (naturais e/ou culturais), como é o caso de Ilhéus – uma cidade que abriga em seu espaço um litoral que compreende cem quilômetros de praias e uma arquitetura própria da época de sua fundação. Esses fatores, somados à materialidade criada, pelo/para o cacau, existente na cidade (porto, aeroporto, vias de acesso, saneamento básico e rede hoteleira) colaboraram para o desenvolvimento das atividades turísticas na cidade.

Para adequar Ilhéus ao uso turístico várias parcelas da cidade passaram por um intenso processo de remodelação e ressignificação. Para tanto, foram feitas várias intervenções urbanas. Algumas ruas, onde se localizam determinados prédios que outrora serviram de moradia aos produtores de cacau, foram transformadas em calçadas, no intuito de permitir aos turistas transeuntes uma melhor visualização e acesso aos prédios históricos. Como exemplos, podemos citar: as ruas Coronel Adami, Santos Dumont e Antônio Lavigne. A antiga Rua Coronel Adami passou em 1991 a se chamar Rua Jorge Amado, nessa rua se localiza a Casa de Cultura Jorge Amado, antiga residência da família do escritor, que agora recebe visitas monitoradas. Lá estão expostos objetos pessoais do autor, bem como livros e fotos. A Rua Jorge Amado teve o tráfego de veículos proibido (TOREZANI, 2007).

A Rua Coronel Paiva, a Praça José Marcelino e a Avenida Dois de Julho sofreram intervenções, que incluíram investimentos em infraestrutura básica e turística, com a implantação de telefones públicos, luminárias e quiosques de serviços. A ressignificação do centro implicou no adensamento de serviços ligados ao turismo (restaurantes, bares, cinemas, agências de turismo, lojas de artesanatos, entre outros), mas vale dizer que a maioria desses serviços se concentra na avenida mais valorizada de Ilhéus – a Soares Lopes, situada à beira mar, no centro da cidade. Nela também se localiza o Centro de Convenções Luís Eduardo Magalhães, construído para atender exposições, convenções, conferências, concertos e shows.

A orla no sentido norte/sul também passou por um intenso processo de mudanças. Como exemplos, podemos citar: a concentração de casas de veraneio, *resorts*, hotéis, pousadas e condomínios de luxo, a pavimentação de importantes vias de acesso (BA-001) e a rodovia Ilhéus-Olivença, além de equipamentos urbanos (iluminação, calçamento, quiosques de informações turísticas).

Nesse processo de transformação e para a cidade se adequar ao turismo, acontece em Ilhéus um fenômeno semelhante ao descrito por Carlos (2007, p. 51) que afirma: “a cidade transforma-se no espetáculo do consumo, as ruas são redimensionadas e ganham outro conteúdo que tende a eliminar o lúdico, pois se transforma em lugar de passagem”. Embora a autora não se refira a Ilhéus, esse fenômeno pode ser verificado em fragmentos da cidade ressignificados pelo turismo. O centro da cidade é o

fragmento que revela de forma mais expressiva as transformações socio-espaciais pelo/para o turismo. Durante uma entrevista com o secretário municipal Dr. José Nazal Pacheco Soub, ele disse:

sem sombra de dúvida o centro antigo é a parte da cidade que mais mudou, com a implantação de empreendimentos turísticos, criação do Quarteirão Jorge Amado, no centro histórico da cidade, com o Circuito Cravo e o Circuito Canela. Implantação da sinalização turística que altera o visual, principalmente no centro antigo, algumas reformas na infraestrutura viária para atendimento do fluxo de veículos, de modo especial nos meses do verão.

O “Projeto Quarteirão Jorge Amado” é uma iniciativa da Secretaria de Turismo de Ilhéus - SETUR, sob a administração do prefeito Jabes Ribeiro, nos anos de 1990. Essa idealização contou com o apoio da Petrobras e da Fundação Cultural de Ilhéus - FUNDACI. Estes, para tornar o projeto exequível e concreto, delimitaram a área e selecionaram prédios e monumentos ligados, em sua maioria, à obra amadiana, elaborando folhetos contendo informações sobre cada patrimônio para distribuição junto aos turistas, por meio das agências de viagem e quiosques da prefeitura, espalhados pelo centro da cidade (MENEZES, 2004). Segundo Menezes (2004, p. 82), trata-se de uma iniciativa que tenta dinamizar o turismo. Esta mesma autora acrescenta ainda que:

os prédios foram selecionados de acordo com a sua importância histórica e estão espalhados pelo centro da cidade. O Quarteirão foi dividido em dois circuitos, o Cravo e o Canela¹², fazendo alusão ao famoso romance. A escolha dos patrimônios que compõem cada circuito foi feita de acordo com a proximidade entre eles. [...] O projeto Quarteirão Jorge Amado inclui obras de recuperação total ou parcial dos casarões, que nem sempre respeitam as suas características originais.

Tais ações deixam claro que “a crescente importância econômica do turismo é causa e consequência da sua ampliada necessidade de intervenção espacial” (CRUZ, 2005, p. 8). As intervenções feitas na cidade de Ilhéus obedecem a uma racionalidade comum, devido à competitividade entre produtos turísticos que se dá hoje em escala global. Os investimentos no centro de Ilhéus, sobretudo no setor do turismo, representam uma tentativa de inserção da cidade no circuito turístico nacional. A ideia é dinamizar esse setor na cidade e, com isso, dar um novo impulso à economia que sofre ao longo de décadas com a estagnação econômica. De acordo com

Alves (2010, p. 56), “é nesse contexto que vemos surgir projetos específicos para a revalorização do centro (histórico) da cidade, em uma ação conjunta do Estado e instituições particulares”.

O centro antigo de Ilhéus se transformou sem sombra de dúvida em referência simbólica no âmbito do turismo. A estratégia é tornar a “história alvo de contemplação e a cidade o campo de grandes eventos” (CARLOS, 1999). Além do centro, outras frações da cidade também foram remodeladas e/ou adaptadas para atender as exigências desse novo ramo da economia no qual se articula a tendência de transformação do uso em troca. Parte da zona rural de Ilhéus hoje concentra atividades voltadas ao turismo. Antigas fazendas de cacau foram contempladas com restaurantes, hospedarias, trilhas e outras práticas para receber turistas interessados não só em passeios ecológicos, mas em conhecer a história do cacau e o processo de produção desse fruto. Na zona norte é significativa a expansão da urbanização pautada no reforço da atividade turística¹³.

O setor hoteleiro é também um indicativo das transformações socio-espaciais em Ilhéus. Para suportar o fluxo de visitação turística, a cidade possui uma extensa rede de hotéis, pousadas, chalés, albergues e áreas para *camping*, apresentando, dessa forma, diversas alternativas de acomodação. Hoje, de acordo com Robert Godoy – Diretor da Associação de Turismo de Ilhéus (ATIL), a quantidade de meios de hospedagem cresceu algo em torno de 30%, saindo de 120 nos anos de 1990 para 156. O turismo em Ilhéus não se reduz à questão econômica, mas é também instrumento de propaganda explorado pelo poder público local. Assim, uma nova imagem de Ilhéus também foi construída após a crise da lavoura cacauzeira. A cidade passou da condição de “Capital do Cacau” à “Terra da Gabriela Cravo e Canela”, ressignificada pelo turismo. Nesse caso:

pode-se falar, portanto, de um turismo que se desenvolve em virtude da ação conjugada entre publicidade e propaganda. Esta relação é sublinhada por Domenach (1979), ao afirmar que a propaganda, embora se diferencie ao ter um objetivo político e não simplesmente comercial, se aproxima da publicidade à medida que procura criar, transformar ou confirmar opiniões utilizando-se, em parte, dos mesmos meios (DANTAS, 2009, p. 54).

Deste modo, a cidade de Ilhéus ultrapassa o contexto estreitamente turístico e econômico e se revela por meio da propaganda política, trans-

formada em publicidade para atender as exigências do desenvolvimento econômico e tornar-se competitiva. É preciso lembrar que o objetivo da propaganda é também convencer os habitantes de Ilhéus de sua vocação turística, de modo a não questionarem e aceitarem o argumento do poder público, acreditando na geração de emprego e renda e melhoria de vida, além de atrair os turistas e os pretensos visitantes. Para tanto, veiculam a ideia da “cidade paraíso” de belas praias, a criação do imagético atrelado à sedução.

4. Considerações finais

Não resta dúvida, de que o espaço da cidade de Ilhéus foi produzido e reproduzido para o e pelo cacau. Mas, com a crise do setor produtivo regional, concomitante à ressignificação do turismo no Brasil, os holofotes se voltaram para o turismo. Não por acaso, mas porque a cidade de Ilhéus já reunia toda uma materialidade, construída para atender as necessidades de reprodução do capital (porto, aeroporto e vias de acesso), além das chamadas potencialidades naturais e culturais, que compreendem cem quilômetros de praias, casarões do século XIX e a literatura amadiana. A soma desses fatores é condição *sine qua non* para explicar o processo de transformações socioespaciais em Ilhéus, após a crise que se abateu sobre o setor produtivo, ou seja, como a cidade, que sempre esteve subordinada ao campo, passa da condição de espaço do cacau a espaço do turismo.

Notas

¹ Solos, férteis e escuros, que apresentam grande quantidade de argila.

² O autor se referia à cidade de Salvador – capital do Estado da Bahia.

³ Em março de 1928, foi promulgada uma Lei municipal concedendo isenção de taxas, por dez anos, à empresa que instalasse um hotel de primeira ordem em prédio amplo, higiênico e moderno. O prédio, localizado entre o cais do antigo porto e a Rua Eustáquio Bastos, que ocupa quase um quarteirão inteiro, foi construído pela empresa Emílio Odebrecht & Cia. Foi o primeiro prédio com elevador da cidade. Constitui-se em um modelo Otis importado da Inglaterra, que funciona até hoje.

⁴ O termo “coronel” vem da extinta guarda nacional imperial, que lutou nas guerras do Prata, do Uruguai e do Paraguai entre os anos de 1851 e 1870, tendo se tornado meramente decorativo

depois disso e abolido na República Velha. No Império cada município possuía um regimento da guarda nacional, o posto de “coronel” era concedido ao chefe político deste município, que normalmente era o mais rico comerciante, industrial ou fazendeiro (LEAL, 1976, p. 20). No caso de Ilhéus o termo se refere aos grandes produtores de cacau que exerciam ampla influência política na região.

⁵ Fonte: Jornal A Tribuna. Disponível em: <http://www.atribunabahia.com.br/quem-somos.php>. Acesso em 21/02 /11.

⁶ O antigo cabaré era cassino frequentado pelos coronéis do cacau, mas entrou em decadência com a proibição do jogo no país. O Bataclan foi reaberto em 2004, mas com uma nova função. Foi transformado num Centro Cultural. O espaço do antigo bordel abriga restaurante, choperia, cybercafé, charutaria e um salão para exposições, saraus, apresentações teatrais e shows. A fachada do bordel foi mantida com algumas pequenas modificações. O quarto da cafetina Maria Machado – proprietária do bordel na época – se transformou num cenário

⁷ Matéria do CORREIO BRASILIENSE - 31/08/2005. Disponível em <http://www.correioweb.com.br/>. Data de acesso 16/ 08/ 2010.

⁸ A estátua de Sapho é uma peça rara, muito bonita, que desperta a curiosidade dos estudiosos, sendo, por este motivo, alvo de enormes interrogações. Por que em Ilhéus? O que se sabe é que ela foi arrematada em leilão pelo Prefeito Mário Pessoa, no seu primeiro governo (1924-1928), pois era a mais bonita que havia no navio. Ela é entalhada em mármore de Carrara e tem estilo neoclássico do início do século XX. Fonte: Ilhéus com amor. Disponível em <http://ilheuscomamor.wordpress.com/>. Data de acesso 15/12/2010.

⁹ Homem moderno, cindido pela predominância da razão como forma de vislumbrar o mundo. Um mundo em um processo crescente de monetização dos valores, tornando as relações na sociedade cada vez mais dependentes de um mundo mercadológico.

Fonte: <http://www.robertexto.com/archivo1/intimidade.htm>. Acesso em 18/02/2009

¹⁰ A vassoura-de-bruxa é uma doença fúngica típica de cacauzeiros, ocasionada pelo basidiomiceto *Moniliophthora perniciosa*. É, sem dúvida, uma preocupação para os plantadores de cacau. Esse fungo ataca especialmente os frutos e brotos causando a diminuição significativa na produção, e em alguns casos pode levar o cacauzeiro à morte. Surgida na bacia amazônica, esta doença é uma das doenças fitopatológicas mais graves do Brasil. Só na década de 1990 a produção por ano caiu de 320,5 mil toneladas para 191,1mil toneladas, uma redução de quase metade somente por conta desta doença. E quando o mercado internacional consumidor do cacau brasileiro tomou conhecimento da infestação desta doença, reduziu seu consumo e já não queria mais pagar o preço praticado até então. Com a produção em queda vertiginosa e o consumo também, havia mais cacau do que compradores, o que obrigou o desaquecimento nos preços. Hoje a produção está reduzida praticamente a saciar a demanda interna do país. Fonte: www.ceplac.gov.br/radar/vassoura-de-bruxa.htm. Data de acesso 15/02/2011

¹¹ Dados extraídos do site da Organização Internacional do Trabalho (OIT) – Escritório Brasil. Disponível em <http://www.oitbrasil.org.br/content/turismo-como-meio-de-reducao-da-pobreza>. Data de acesso 14/11/2012.

¹² O Circuito Cravo compreende a Catedral de São Sebastião, Bar Vesúvio, Teatro Municipal, Casa de Cultura Jorge Amado, Associação Comercial de Ilhéus, Estátua de Sapho, Palácio Paranaguá, Igreja Museu São Jorge, Casa do Coronel Misael Tavares, e Casa de Tônico Bastos. O Circuito Canela é composto pelo Ilhéus Hotel, Restaurante do Coronel, antigo Porto de Ilhéus, Bataclan, Restaurante Velhos Marinheiros, Cristo Redentor e Outeiro de São Sebastião.

¹³ Tanto no que se refere à criação de resorts, clubes e outros equipamentos como de residências de veraneio.

Referências

- ALVES, G. da A. **O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação.** São Paulo: FFLCH, 2010. 268 p.
- AMADO, J. **Gabriela, Cravo e Canela.** 51. ed. São Paulo: Record/Martins, 1975.
- ANDRADE, M. P. **Ilhéus: passado e presente.** Ilhéus: Editus, 2003.
- ARARIPE, G. V. **Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Ilhéus – 1969.**
- BAIARDI, A. **Subordinação do Trabalho ao Capital na Lavoura Cacaueira da Bahia.** São Paulo: Hucitec Ltda., 1984.
- BRITO A. L. M. de. **Alguns aspectos da decadência da lavoura cacaueira.** 2000. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia), Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, Bahia, 2000.
- CAMPOS, S. **Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1981.
- CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YASIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Org.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** São Paulo: Editora Hucitec, 1999. p. 25-39.
- _____. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007. 123p.
- COUTO, V. A.. O Território do Cacau no Contexto da Mundialização. **Bahia Análise & Dados,** Salvador, v. 9, n. 4, p. 38-52, março 2000.
- CRUZ, R. de C. A. **Política de Turismo e Território.** São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. **Geosul,** v. 20, n. 40, 2005.
- DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos trópicos: por uma Geografia do litoral.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- EMBRATUR. Empresa Brasileira de Turismo. **Anuário estatístico/turístico.** Brasília: Instituto Brasileiro de Turismo, 2007.
- FONTES, M. J. V. **Turismo de Ilhéus.** Vantagem comparativa versus vantagem competitiva. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Administração, da Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2001.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 20 de junho de 2002.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 22 de Maio de 2013.

LEAL, V. N. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 3.ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

MACEDO, I. O. **Caracterização socioeconômica da população do bairro Teotônio Vilela**. 2001. 68p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) - Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, 2002.

MAGALHÃES, J.de A. H. F. **Cultura, turismo e desenvolvimento da cidade de Ilhéus, Bahia: uma análise da gestão de Jabes Ribeiro (1996-2004)**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus/ BA, 2006.

MENEZES, J. S. **Quartirão Jorge Amado - Literatura, Cultura e Turismo Sustentável na cidade de Ilhéus, BA**. Trabalho publicado nos anais do II CULTUR, realizado em novembro de 2004. Disponível em http://www.uesc.br/icer/artigos/quarteirao_textocompletocultur.pdf. Data de acesso 18\02\10

OLIVEIRA, O. M. G. de. **A expansão urbana da cidade de Ilhéus, Bahia e a ocupação dos manguezais: o caso do bairro São Domingos**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO - OMT. **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais**. Brasília, DF: MICT/SETS/EMBRATUR, [s.d.], 2000. 217p.

SALES, F. **Memória de Ilhéus**. São Paulo: GRD, 1981.

SOARES, L. A. S. Contemporâneos de seu passado: personagens do desenvolvimento gerado pelo turismo em Ilhéus-BA. **Anais do XI Encontro Nacional de Turismo com Base Local**. Turismo e Transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói, 12 a 14 de abril de 2008.

TOREZANI, J. N. **Internet, Cultura e Turismo: o patrimônio arquitetônico de Ilhéus em sites informativos de turismo**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus-BA, 2007.

Recebido em: 31/10/2012

Aceito em: 15/01/2013